



**TORNAR-SE PROFESSOR DE HISTÓRIA: NARRATIVAS DOS ALUNOS DA
GRADUAÇÃO DE HISTÓRIA PARFOR/UFRRJ SOBRE AS PRÁTICAS DE
LETRAMENTO**

PATRICIA BASTOS DE AZEVEDO*

* Universidade Rural do Rio de Janeiro, Doutora em Educação/UFRRJ, professora do PROHISTÓRIA.

1. Introdução

O Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR foi criado pelo Governo Federal para atender o Decreto nº 6.755, de 29 de janeiro de 2009. Implantado em regime de colaboração entre a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior, Estados, Municípios, Distrito Federal e as Instituições de Ensino Superior.

A Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro em 10 de novembro de 2009 assinou o termo de adesão ao Acordo de Cooperação Técnica - ACT no- 014/2009, com vistas à implantação do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica, instituído pelo Ministério da Educação, destinado a atender à demanda de professores das redes públicas estadual e municipais sem formação adequada à Lei de Diretrizes da Educação Brasileira (LDB - Lei no- 9394/1996), com oferta de ensino superior público e gratuito.

O PARFOR trouxe consigo um perfil de professores/alunos que possuem marcas identitárias e saberes acumulados ao longo de suas vidas profissionais sobre práticas de letramento. Eles possuem saberes, concepções, validades e pertinências relativas as práticas de oralidade, leitura e escrita no processo de ensino-aprendizagem. Durante a formação na graduação essas pretensões são questionas e tensionam as tradições letradas constituídas na Universidade.

As práticas pedagógicas no âmbito acadêmico nas Ciências Humanas são marcadas pela oralidade, leitura e escrita, isto é, práticas de letramento que ao longo do tempo se constituíram como legítimas e válidas na difusão do conhecimento produzido na Universidade e na formação por ela efetivada.

Compreendemos que a formação de professores se caracteriza como um lugar de transmissão e consolidação de múltiplas práticas. Difusão e manutenção que podem promover a emancipação de indivíduos e grupos sociais, ou agravar as concepções, entre elas a de letramento de caráter elitista e excludente, configurando-se como um instrumento de manutenção do *status quo*.

Nossa pesquisa busca compreender através das narrativas as tensões e disputas políticas que existem nas práticas letradas que se constituem na formação do professor de História, na turma PARFOR do Instituto Multidisciplinar de Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.



2. Parfor História/UFRRJ

A primeira turma de Licenciatura em História PARFOR foi aberta em 2012.02 com 40 professores/alunos. Atualmente o curso possui 31% de seus alunos ativos, 2% trancados e 23% desligados. Esta turma cursará em 2014.02 o 5ª período, isto é, a segunda metade de sua formação neste curso de licenciatura.

No dia 2 de junho de 2014 foi realizado o I Seminário Interno de Avaliação PARFOR. Na dinâmica do Seminário houve um processo de preparação para o evento, que buscou trazer uma série de informações pertinentes aos cursos oferecidos pelo PARFOR, entre elas a perspectiva discente desta formação.

Durante a dinâmica construída nos Seminários, os alunos responderam um questionário de avaliação que continha 12 itens, entre eles a questão destinada a avaliar as principais dificuldades encontradas no curso. Neste quesito, os alunos do curso de História apontaram como principal problema aquilo que foi denominado pelos organizadores do processo, como categoria *cultura docente*, e que abrangia diferentes aspectos das práticas pedagógicas dos professores do curso.

Uma questão recorrente nos questionários, e que nos faz construir este projeto, é referente às práticas de oralidade, leitura e escrita que se constituem nas aulas ministradas neste curso específico. Os professores/alunos apresentaram várias “queixas”, entre as mais recorrentes as relativas as práticas de letramento. Essas “queixas” nos lançaram uma série de indagações que nortearam o projeto de pesquisa que estamos nos propondo desenvolver.

Apresentamos nossas principais indagações que se desdobraram nos objetivos de nossa pesquisa:

1. Que práticas de oralidade, leitura e escrita são realizadas no curso de Licenciatura em História/PARFOR?
2. Como os alunos compreendem as práticas de oralidade, leitura e escrita que são realizadas no curso?
3. Quais as maiores dificuldades encontradas nas práticas de oralidade, leitura e escrita?
4. Que concepções de oralidade, leitura e escritas os professores/alunos acreditam que devem ser realizadas no ensino de História?
5. O que é falar, ler e escrever bem para um professor de História?

Compreender as práticas de letramento contidas na formação de professor de História na turma PARFOR/UFRRJ possui uma dupla relevância:

1. Identificar as concepções de letramento que são praticadas no curso de História/UFRRJ;
2. Que tipo de práticas de letramento estamos promovendo e solidificando nas escolas públicas que atuam os professores/alunos que cursam nossa graduação.

Os alunos/professores da turma de História/PARFOR trazem consigo percepções e compreensões sobre práticas de letramento dentro de um contexto institucional, a escola pública da Educação Básica. Possuem um saber acumulado ao longo de sua carreira de professor sobre os valores da oralidade, leitura e escrita, e as correlações de poder que as suas práticas possuem.

Os professores/alunos ao ingressarem na Universidade são submetidos a um novo desafio: as práticas de letramento que este novo lugar possui. Esses atores se deparam como novos rituais, concepções e validades distintas de suas práticas habituais na Educação Básica.

Compreender essa imersão na cultura letrada acadêmica e em suas práticas de letramento de grupos tradicionalmente excluídos deste processo é fundamental. Neste sentido, nossa pesquisa possui uma pertinência e validade dupla: 1) compreender as práticas de letramento que são desenvolvidas na formação de professores de História; e 2) identificar e analisar como grupos tradicionalmente excluídos da formação acadêmica se relacionam com as práticas de letramento constituídas no ambiente universitário.

Os estudos sobre as práticas de letramento acadêmico possuem atualmente um trajeto já percorrido por alguns pesquisadores. Entre estas investigações, destaca-se os estudos desenvolvidos por Lea e Street, 1998; Gee, 1990; Street, 1984, 1995 que se dedicam a especificidade do letramento a acadêmico e suas práticas sociais. Nestes estudos, são destacados *“a escrita acadêmica como prática social, dentro de um contexto institucional e disciplinar determinado [...] destaca a influência de fatores como poder e autoridade sobre a produção textual dos alunos.”* (STREET, p. 544, 2010).

O que diferencia nossa pesquisa das desenvolvidas pelos pesquisadores citados anteriormente é a especificidade dos atores investigados. Em nossa pesquisa eles já estão inseridos em um contexto institucional educacional, no qual possuem práticas de letramento tradicionalmente difundidas. Contexto este de ensino/aprendizagem no qual eles ocupam a função de professor, isto é, de autoridade e poder na produção textual. No espaço institucional universitário eles mudam de lugar, e são submetidos à autoridade de outros e as regras que



este campo discursivo possui que o singulariza do ambiente da Educação Básica. Esta mudança de papel pode provocar conflitos e complexifica as práticas de letramento tradicionais no processo de ensino e aprendizagem universitário.

As concepções e os valores sobre oralidade, leitura e escrita possuídas por esses professores/alunos são desestabilizadas no espaço da formação acadêmica. Eles são imersos em uma nova partilha social de letramento e de suas práticas institucionais cotidianas. Este novo papel – professor/aluno – pode provocar tensões e conflitos nas práticas de letramento na formação destes professores de História.

Compreender as práticas de letramento que constituem a turma de História/PARFOR é fazer uma análise sócio-política do processo de formação para docência que a UFRRJ promove. O recorte História/PARFOR amplia essa investigação e realizará uma imersão e aprofundamento analítico nos impactos que as políticas de acesso à Universidade por parcelas da população tradicionalmente alijadas deste direito provocam em suas práticas pedagógicas e avaliativas. Em nosso caso, especialmente nas práticas de letramento do curso de formação de professores de História/PARFOR.

3. Porque pesquisamos o Parfor História.

... A moeda corrente da escola é constituída de palavra – palavras, como vimos antes, que são moldadas de acordo com as exigências do alfabetismo.
(GRAFF, p. 33, 1990)

Letramento é uma palavra recente, surge no Brasil nos anos 80 (SOARES, 2004), há cerca de vinte anos ela aparece no discurso dos pesquisadores. Antes deste período, o debate sobre essa temática recebeu algumas expressões em português entre elas “alfabetismo”, neste sentido quando a palavra “literacy” foi traduzida no texto original de Graff para o português no ano de 1990, ela ainda encontrava-se em disputa. Hoje, podemos afirmar que o termo seria traduzido como letramento, pois em textos mais recentes que dialogam com referido autor a tradução atual não usa mais alfabetismo e sim letramento.

Graff afirma de forma enfática que a moeda corrente da escola é o letramento. Isso significa que os processos de ensino e aprendizagem estão marcados por esta concepção grafocêntrica de sociedade e ensino (MORTATTI, 2004). O autor também denuncia a concepção difundida na sociedade em relação ao letramento:



O alfabetismo, na minha opinião, é profundamente mal entendido. Essa é uma consequência natural da duradoura tirania do “mito do alfabetismo”, o qual, juntamente com outros mitos sociais e culturais, tem tido, naturalmente, suficiente base na realidade social para poder assegurar sua disseminação e aceitação... (GRAFF, p. 32, 1990)

O mito do letramento possui como princípio que o domínio do código proporciona ao letrado um trânsito competente pelos múltiplos textos existentes, nessa perspectiva “*não avaliam as implicações conceituais que a questão do [letramento] apresenta, e ignoram – muitas vezes de forma grosseira – o papel vital do contexto sócio-histórico*” (GRAFF, p. 32, 1990).

O mito do letramento é profundamente difundido em diferentes setores sociais e muito presente no senso comum acadêmico. Geralmente observamos que a compreensão que diferentes atores da Universidade possuem em relação às práticas letradas baseiam-se nesta premissa. Isto é, que todos os sujeitos alfabetizados são capazes de ler e escrever com autonomia qualquer texto independente do campo discursivo (BAKHTIN, 2003) que ele pertença.

Essa concepção perpetua práticas letradas que não percebem a peculiaridade dos diferentes atores e de suas bagagens de letramento sócio-históricas (ROCHA, 2010). Ao conceber que todos os sujeitos alfabetizados possuem o mesmo grau de letramento, ignoramos que campos discursivos distintos possuem estética e relações diferentes com a palavra oral e escrita.

Destacamos que Graff (1990, 1994) salienta a necessidade de compreendermos o contexto sócio-histórico dos atores letrados. A palavra possui valores e sentidos distintos em contextos diferentes. Bakhtin nos ajuda a compreender melhor o que estamos afirmando no trecho a seguir:

... classes sociais diferentes servem-se de uma mesma língua. Consequentemente, em todo signo ideológico confrontam-se índices de valores contraditórios. O signo se torna a arena onde se desenvolvem a luta de classes. Esta plurivalência social do signo ideológico é um traço da maior importância. Na verdade, é este entrecruzamento dos índices de valor que torna o signo vivo e móvel... (BAKHTIN, p. 47, 2010)

Os participantes da comunicação em sua dinâmica social possuem uma ação ativa na produção de enunciados escritos e orais. Enunciados que ao serem apreendidos pelos distintos atores ganham uma acentuação própria do sujeito que os compreende, marcados pelo mundo sócio-histórico que o constitui e sua subjetividade em ato. “*A palavra da língua é uma palavra semi-alheia. Ela só se torna “própria” quando o falante a povoa com sua intenção,*



com seu acento, quando através do discurso, torna-a familiar com sua orientação semântica e expressiva” (BAKHTIN, p. 100, 1998).

A palavra na História possui uma carga de sentidos e significados tecidos em processos sócio-históricos e disputas política e de poder (AZEVEDO e MONTEIRO, 2011). Neste sentido ao proferirmos a palavra no espaço de formação dos professores de História seja PARFOR ou não, estamos carregando em nossos enunciados – sejam orais ou escritos – de uma série de palavras semi-alheias que trazem em si marcas das disputas e valores que as adensaram de sentido.

Os enunciados orais e escrito no processo de ensino e aprendizagem muitas vezes são naturalizados e revestidos do senso comum com base no mito do letramento. Essas práticas enunciativas constituem concepções de letramento planejadas e descontextualizadas do lugar sócio-histórico que se materializa a formação, produzindo assim uma manutenção do *status quo* e o afastamento de camadas sociais que não trazem consigo essas palavras como bagagens socialmente constituídas. As palavras também podem possuir outros significados, e assim os sentidos trazidos tem a possibilidade de não serem considerados corretos pelo campo discursivo da Universidade.

Compreender as práticas de letramento que se materializam na formação do professor de História/PARFOR é dialogar com esse espaço ideológico, que é a produção do letramento acadêmico. A análise complexa deste lugar de formação nos ajuda a dimensionar nossa ação enquanto formadores na licenciatura e o papel sócio-histórico que a Universidade pública e de qualidade possui na elevação da qualidade do ensino nas redes públicas da Educação Básica brasileira. Em nosso caso específico, da região metropolitana do Rio de Janeiro.

4. Metodologia

Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. (BAKHTIN, 2006, p. 271).

Compreender as práticas de letramento que constituem de sentido a formação do professor de História/PARFOR é um desafio complexo, que se materializa em múltiplos espaços de enunciação. A palavra como já afirmamos é complexa e ideologicamente constituída, neste sentido não basta olhar apenas para o espaço da Universidade e a sala de



aula, precisamos compreender as múltiplas facetas desse professor/aluno e sua relação com os professores deste curso, assim como o uso ordinário e acadêmico da oralidade, leitura e escrita.

Metodologicamente dividimos nossa investigação em dois eixos:

1. Compreender as práticas de letramentos dos professores/alunos de História/PARFOR antes de ingressarem na universidade;
2. Identificar e compreender as práticas de letramento dos professores/alunos de História/PARFOR durante o processo de formação acadêmica.

Na perspectiva adotada desenvolveremos o nosso trabalho com foco na relação construída entre os sentidos de origem e sentidos de partida (POZIO, 2008), isto é, concepções trazidas pelos professores/alunos e rupturas e os significados novos que a Universidade produz.

Buscamos nos processos de construção do campo investigativo tensionar entre o local – História/PARFOR – e o geral – o acesso de atores tradicionalmente excluídos dos espaços universitários de formação. Tentando construir um diálogo que extrapole o específico, buscando delinear a contribuição que um estudo de caso pode proporcionar na compreensão mais ampla (ANDRÉ, 2012), isto é, nas práticas de letramento acadêmico e sua interlocução com os novos atores que as políticas de acesso a Universidade trazem. Inspirados em Bakhtin podemos dizer: constituídas de diversas palavras alheias, de múltiplos contextos sócio-históricos que refletem e refratam as novas palavras apresentadas (BAKHTIN, 2010).

A validade de uma pesquisa que investiga um caso específico, somente é compreendida quando esta extrapola o “caso” em seu sentido estrito (FONSECA, 1999). Compreender que a palavra revela as tensões sócio-históricas e desta forma como o singular traz em si sentidos que foram constituídos em um espectro maior de significação, configurando-se em seu tempo-espaço, produzindo assim uma relação dialógica entre a perspectiva micro e macro de compreensão da realidade concreta (BAKHTIN, 2010).

As práticas de letramento que se constituem neste espaço micro que é a sala de aula de História/PARFOR não estão isoladas do todo social. Neste sentido, ao investigarmos este caso específico buscamos extrapolar a compreensão de outros espaços de formação de professores e suas práticas de letramento.

Os momentos que constituem nossa metodologia de pesquisa visam compreender as múltiplas facetas destes atores professores/alunos e suas narrativas sobre a cultura letrada que os constituem antes e durante a sua formação universitária (STREET, 2010) e como



potencializa as futuras práticas nos seus espaços de trabalho. Neste sentido, ao entrevistarmos os professores/alunos em dois momentos buscamos compreendê-los enquanto grupo/turma e enquanto indivíduo em suas experiências singulares de oralidade, leitura e escrita (BAKHTIN, 2006; STREET, 2007, 2010).

Nossa metodologia de produção de indícios e análise busca transitar entre a escala micro – o indivíduo – e a escala macro – a sociedade. Acreditamos que este exercício de escala pode contribuir na compreensão dos processos sócio-históricos que a Universidade está sendo submetida. Acreditamos que pesquisas deste perfil podem potencializar uma ação mais concreta, que se desdobre em ações extensionistas, consolidando na Universidade Pública a integração de seu tripé de sustentação – ensino/pesquisa/extensão.

5. Referências bibliográficas

- ANDRÉ, M. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. São Paulo: Papirus, 2002.
- AZEVEDO, P. B. MONTEIRO, A. M. C. Ensino de história, historiografia e produção de sentido em práticas de letramento. Anped, 2011. Disponível em: http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT10%20Trabalhos/GT10-2271_int.pdf
- BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética (A teoria do romance)**. 4ª ed. São Paulo: Unesp, 1998.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 9. ed. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2010.
- FONSECA, C. **Cada cano NÃO é um caso**. In. *Revista Brasileira de Educação*. Jan/Fev/Mar/Abr, 1999. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1413-24781999000100005&script=sci_abstract
- _____. **Estética da criação verbal**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- GAFF, H. J. **O mito do alfabetismo**. In *Teoria e Educação*. Porto Alegre, nº2, 1990.
- _____. **Os labirintos da alfabetização: reflexões sobre o passado e o presente da alfabetização**. Porto alegre: Artes Médicas, 1994.
- IBAÑEZ, J. **Más allá de la sociología**. In. *El grupo de discusión: técnica y crítica*. Madrid: Siglo XXI de Espana Editores, S.A., 1986.
- KLEIMAN, A. B. (org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.



ROCHA, H. A. B. **A aula de história que bagagem levar?** In. ROCHA, H. A. B. MAGALHAES, M. de S. GONTIJO, R. *A escrita da história escolar: memória e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

STREET, B. **Perspectivas interculturais sobre o letramento**. In. *Filologia lingüística portuguesa*. n. 8, p. 465-488, 2006.

_____. **Dimensões “Escondidas” na Escrita de Artigos Acadêmicos**. In. *PERSPECTIVA*, Florianópolis, v. 28, n. 2, 541-567, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2010v28n2p541>

TFOUNI, L. V. **Letramento e Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2002.